

A REPRESENTAÇÃO DO TEMPO FUTURO EM TEXTOS ESCRITOS: UMA ANÁLISE DIACRÔNICA

Rita do Carmo Polli da SILVA

Faculdade Internacional de Curitiba (FACINTER)

RESUMO

Neste estudo apresento um estudo da variação do tempo futuro em textos escritos em português, do ponto de vista diacrônico. Foram feitas duas análises: uma em tempo real, abrangendo um período de dois séculos, e a outra em tempo real de curta duração, que abrange um período menor, 50 anos de texto escrito. Foram analisadas quatro variantes da representação do tempo futuro: futuro sintético (apresentarei amanhã); o presente do indicativo (apresento amanhã); a perífrase ir + infinitivo (vou apresentar amanhã) e a perífrase haver + de + infinitivo (hei de apresentar amanhã). Tomando como base teórica a sociolinguística quantitativa laboviana e princípios do paradigma da gramaticalização.

ABSTRACT

The object of study of this thesis is the change in the future tense in text written in English, of diachronic perspective. Were made two analyses: a real-time, covering a period of two centuries, and other real-time short-lived, that covers a period less than 50 years of written text. Were analyzed four variants of the representation of the future tense: future synthetic (apresentarei amanhã); the present tense (apresento amanhã); the periphrasis with 'to go' in the present (vou apresentar amanhã) and the periphrasis with haver 'to have' in the future (hei de apresentar amanhã). On the basis of the quantitative Sociolinguistics laboviana theoretical and principles of Grammaticalization paradigm.

PALAVRAS-CHAVE

Representação do tempo futuro, Futuro perífrástico, Futuro sintético. Representação do tempo futuro em romances brasileiros. Representação do tempo futuro nas revistas em quadrinhos, Variação linguística.

KEY-WORDS

Linguistic variation. Representation of the future tense, Future (synthetic), Future (periphrastics), Representation of the future tense in comics. Representation of the future tense in Brazilian novels.

Introdução

O trabalho aqui apresentado traz alguns resultados de minha tese de doutorado apresentada à Universidade Federal do Paraná, em agosto de 2010 e tem como base os postulados da Sociolinguística Variacionista. Buscarei a descrição de algumas representações de contextos de futuridade bem como sua produtividade em dois *corpus*, ambos de língua escrita: a revista em quadrinhos Pato Donald, editada no Brasil a partir de 1950, e romances brasileiros escritos a partir do século XVIII.

O escopo central desta pesquisa é descrever diacronicamente o fenômeno de variação que envolve a representação do tempo vindouro, ou seja, descrever como e com que frequência *haver + de + infinitivo*, *futuro sintético*, *presente do indicativo* e *ir + infinitivo* representam o tempo futuro em um recorte de língua escrita. A hipótese que norteia este objetivo central é que a representação do tempo futuro, de um modo geral, está sendo feita, em textos mais recentes, pela perífrase verbal *ir + infinitivo*, independente de a referência temporal estar localizada em um tempo próximo ou distante, ou seja, há uma mudança em curso.

1. Teoria da mudança linguística

Weinrech, Labov e Herzog (2006)¹ apontam alguns princípios de grande importância para a teoria da mudança linguística. Segundo eles

¹ Em 2006, Marcos Bagno traduziu e publicou este texto em português, com revisão técnica de Carlos Alberto Faraco e posfácio de Maria C. A. de Paiva e Maria E. L. Duarte, intitulado *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*.

uma teoria que se preste a esclarecer os fenômenos das mudanças ocorridas nas línguas deve, a princípio, oferecer respostas para a questão dos fatores condicionantes, da transição, do encaixamento, da avaliação e da implementação.

Os fatores condicionantes, linguísticos e extralinguísticos, informam quais as condições favoráveis, aquelas que propiciam as mudanças. São apontados através de pesquisas, a partir de hipóteses levantadas pelos pesquisadores interessados no estudo de cada fenômeno.

O problema da transição, ou de transferência, pode ser observado entre grupos de faixas etárias diferentes. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006: 122) *entre quaisquer dois estágios observados de uma mudança em progresso, normalmente se tentaria descobrir o estágio interveniente que define a trilha pela qual a estrutura A evolui para a estrutura B*. Um exemplo deste caso é o fato de as pesquisas variacionistas desenvolvidas até agora indicarem que as crianças não falam o dialeto dos seus pais e sim o dos grupos de indivíduos um pouco mais velhos. O que pôde ser observado neste trabalho, nos dois *corpus*, quando as tendências de uso de *ir + infinitivo*, na representação do tempo futuro, se dá com maiores pesos relativos nas crianças.

A questão do encaixamento orienta no sentido de que as mudanças devem se entrelaçar com outras que ocorrem, tanto na estrutura linguística, quanto na sociedade. Um dos objetos deste estudo, *ir + infinitivo*, apresenta etapas deste encaixamento, o que será exposto adiante. Existe também a questão do encaixamento na estrutura social, dependente de como os fatores sociais pesarão sobre o sistema de modo geral, o que fará com que a variação seja ou não estigmatizada parcial ou totalmente.

No caso de *ir + infinitivo* há certa resistência social, pois o encaixamento na estrutura linguística pode levar a um problema de avaliação, que depende do conhecimento de língua e, segundo Weinreich, Labov e Herzog, o nível de consciência social é uma prioridade importante da mudança linguística. A avaliação leiga pode estigmatizar uma variante.

O que pôde ser observado nas representações do tempo futuro, mais especificamente no uso do *ir* + *infinitivo*, quando o verbo auxiliar é o mesmo que o principal. Muitos professores de português corrigem seus alunos, geralmente as crianças e os da faixa etária da pré-adolescência, quando os ouvem dizer “Eu *vou ir* ...” A alegação é que seria “errado” utilizar duas vezes o mesmo verbo. Só que estes mesmos professores não percebem que em outras situações eles, e muitas outras pessoas, utilizam duas vezes o mesmo verbo, inclusive o verbo *ir*, como, por exemplo, quando constroem estruturas com *tenho tido* ou *vou indo*. A questão da avaliação trata dos efeitos da mudança sobre o uso da língua e alguns resultados desse processo podem encontrar certa resistência por um determinado período de tempo.

A última questão que uma teoria da mudança linguística deve responder é o problema da implementação, responsável por investigar o que, da sociedade, interferiu na mudança. Razões para a mudança ocorrem em certas línguas e em certas épocas e, a partir do momento que a mudança está encaixada na estrutura linguística, ela vai, inevitavelmente, passar pelo processo da avaliação que, muitas vezes, detecta variações negativas, ou seja, estigmatizadas. Estes estigmas acabam por “atrapalhar” o processo de mudança, adiando a implementação e o farão até que esta variante estigmatizada perca toda significação social negativa que possuía. Somente assim a mudança se implementa na língua.

No caso específico de *ir* + *infinitivo* o estigma, como já explicitado, se encontra quando o verbo *ir* é o verbo auxiliar e também o principal (*vou ir*). Algumas variações se estendem por longos períodos, por gerações, até que se implementem de fato. Porém, muitas sequer chegam a este ponto, já que toda mudança linguística origina-se de uma variação, mas nem toda variação chega à mudança. A variação existente só passa a mudança quando uma variante suplanta totalmente a outra (ou outras) em todos, absolutamente todos os usos.

A partir das pesquisas Sociolinguísticas já feitas pode-se observar, entre outras, que uma possível mudança linguística:

1. começa quando um fenômeno passa a se apresentar com pelo menos uma variante e essa variante apresentar características de diferenciação ordenada, ou seja, apresenta uma determinada ordenação, não é livre;
2. ocorre na gramática da comunidade de fala;
3. é transmitida de modo geral na comunidade;
4. tem sua explicação intimamente ligada a fatores linguísticos e sociais, ou extralinguísticos.

2. Gramaticalização

Hopper & Traugott (1993) definem o processo de gramaticalização como as alterações ocorridas sobre um item lexical (itens autônomos – uma palavra da língua, por exemplo, um substantivo, um adjetivo, um verbo...) transformando-o em um item gramatical (itens presos – elementos que ligam palavras: conjunções, preposições, artigos, alguns pronomes, afixos) no decorrer do processo, ou seja, quando uma palavra muda de *categoria*, na língua, este *mudar* recebe o nome de *gramaticalização*, e é ocorrência comum a todas as línguas.

Esse processo pode chegar a ponto de transformar uma palavra da língua em afixo, como é o caso, por exemplo, do futuro sintético em português. Sua trajetória, desde o latim, nos mostra a passagem de item lexical para gramatical, depois de item lexical para clítico e de clítico para afixo. No latim a expressão de futuro era representada por uma expressão analítica, ou seja, possuía mais de uma forma, *amare habeo*, que passou para *amare hei*, o que nos possibilita ver o estágio de uma gramaticalização que chega a afixo, pois, de *amare hei*, temos, hoje, *amarei*. O processo de gramaticalização fez com que a palavra (*habeo*) perdesse sua identidade a tal ponto que o verbo auxiliar virou afixo (*-ei*), perdendo a classificação de palavra.

Essa mudança, segundo Hopper (1991) e Hopper e Traugott (1993/2003), acontece seguindo cinco estágios que eles dividem em:

2.1. Estratificação

Nessa fase a forma nova, ou as formas novas, convivem com a forma antiga, com função similar, o que significa dizer que, no domínio funcional, neste caso a representação do tempo futuro, novas camadas surgem continuamente. Na análise aqui proposta as formas distintas de representação do tempo futuro ocorrem desde a primeira obra analisada. No *corpus* 1, constituído das revistas em quadrinhos Pato Donald temos o caso específico de *haver + de + infinitivo* que apresenta somente quatro ocorrências em um universo de 4.086 dados. Isso que mostra que essa forma de representação do tempo futuro está caindo em desuso em favor de outras na mesma função. Quanto ao *corpus* 2, os romances brasileiros, destaco que *ir + infinitivo* aparece pela primeira vez no romance de 1844: *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, ou seja, não incide nos textos de *As Aventuras de Diófnos – imitando o Sapientíssimo Fenelon na sua Viagem de Telêmaco*, de Dorothea Engrassia e *O Filho do Pescador*, de Teixeira e Sousa, de 1752 e 1843, respectivamente.

2.2. Divergência

A forma que se gramaticaliza não deixa de existir também na significação original. Isso acontece com a representação do tempo futuro *ir + infinitivo*, por exemplo, pois *ir* está se gramaticalizando de verbo pleno para auxiliar em contextos de futuridade sem deixar de se apresentar como pleno posição em que ainda prevalece a noção de deslocamento espacial enquanto também se apresenta como auxiliar.

2.3. Especialização

No domínio funcional as formas coexistem com diferenças tênues entre si. A partir do processo de gramaticalização as variantes vão se especializando, cada uma de uma forma, e assumem pequenas diferenças, distinguindo-se das demais. Dessa forma, à medida que uma forma vai se especializando passa a tornar-se obrigatória naquela função.

2.4. Persistência

A forma gramaticalizada mantém vestígios da forma original, de modo que esses acabam por estabelecer, muitas vezes, contextos de resistência no sentido de que o processo de gramaticalização se finalize. A forma em que o verbo *ir* é auxiliar dele mesmo é um exemplo desse contexto de resistência, pois, nos *corpus* da análise, não houve nenhuma ocorrência dessa construção.

2.5. Descategorização

A forma que sofre a gramaticalização acaba por perder as características da classe a que pertencia e adquire as novas, como é o caso do verbo *ir*, que, na representação do tempo futuro, perde as características de verbo pleno e assume as de auxiliar.

Ligado ao processo de gramaticalização está o princípio da unidirecionalidade. Esse princípio pressupõe que o processo se dá, sempre, do item menos gramatical para o mais gramatical, ou seja, esse princípio prevê que a mudança envolve sempre uma passagem de um estado anterior (A) para um posterior (B).

Reanálise e *analogia* são os dois mecanismos do processo de gramaticalização que possibilitam entender a unidirecionalidade. A primeira altera as relações entre os constituintes sem que isso seja percebível, enquanto a segunda proporciona a existência de novas formas através de similaridades com outras já existentes. Para Hopper e

Traugott (1993, 2003) e Bybee *et al.* (1994) esses dois mecanismos atuam igualmente no processo de gramaticalização dos verbos de movimento. Partindo desses princípios, pode-se assumir que a perífrase *ir + infinitivo*, uma das formas de representação do tempo futuro, está passando pelo processo de reanálise, pois o verbo *ir*, para representar futuridadade passa da condição de pleno para a de auxiliar.

3. Aspecto e modalidade

Como as categorias de *aspecto* e *modalidade* são importantes quando se trata de estudo da representação do tempo futuro, destaco Fleischman (1982) e Coroa (1985), que discutem questões de *aspecto, modo e modalidade*. Segundo as autoras, *modo* é uma categoria morfológica do verbo e tem paradigmas verbais: *indicativo* (que indica certeza), *subjuntivo* (indicativo de possibilidades, dúvidas) e *imperativo* (para indicar ordens), no entanto, a noção de modalidade linguística vai além, podendo ser abordada de vários pontos de vista (sintático, semântico e pragmático). A *modalidade* aponta para a atitude do falante em relação ao conteúdo de seu enunciado, revelando a sua disposição mental.

Coroa (1985) apresenta o futuro como um pensamento que vai do possível para a certeza. O falante avalia o evento, durante a enunciação, pautando-se na necessidade, probabilidade, possibilidade ou impossibilidade da ocorrência da ação. Mesmo que haja uma certeza (subjativa) da ocorrência do evento, sua realização se dá somente depois de cumprido o tempo de referência. Como este “vir a ser” escapa à certeza, ficando ligado ao possível, a autora associa tempo futuro com a *modalidade*.

Outros pesquisadores também veem uma relação estreita entre modalidade e tempo futuro. Na concepção de Câmara Jr. (1985: 55), a representação do tempo futuro está mais associada ao desejo, à dúvida, à imposição da vontade, o que a levaria a funcionar na categoria de modo, não de tempo. Da mesma forma Mateus *et al.* (1989) dedicam uma seção

inteira para provar que os enunciados de futuro apresentam valores modais.

Por sua vez, Koch (1986) observa que a modalização do discurso pode ser realizada por meio de diversos tipos de lexicalização: auxiliares modais (*poder, dever, querer*), advérbios de modalidade (*provavelmente, talvez, possivelmente*), predicados cristalizados formados por adjetivos em posição predicativa (*é certo, é possível...*), orações ou proposições modalizadoras (*eu acredito que, eu sei que, tenho a impressão que...*) e ainda *certos modos e tempos verbais, entre eles o futuro (presente e pretérito)*.

A partir disso tem-se que modalidade é uma propriedade linguística que indica a intenção ou as atitudes do locutor em relação ao que está dizendo. Desta maneira, a modalidade passa também a ter inclinação para propiciar contextos de futuridade, daí Koch inserir o *futuro sintético* como um modalizador do discurso, já que ele é apenas uma intenção, um vir a ser, uma incerteza e tudo que possa ser colocado ‘no futuro’ não passa disso: uma intenção. Essa intenção pode ter muitas ou pequenas chances de ser concretizada, mas é uma intenção.

Algumas ocorrências desta pesquisa possibilitam perceber que *contextos de futuridade* mais *agentes modalizadores* funcionam como uma probabilidade dentro da outra, como em:

- (1) E *provavelmente* eu terei um aumento, *não*? (Pato Donald, n° 592, 1960, pág. 30, Donald para Tio Patinhas.)

Nesse dado tem-se o advérbio de modalidade apontado por Koch, *provavelmente*, mais o tempo *futuro do presente*, apontado pela mesma autora como modalizador e ainda o advérbio *não*, que aí não está negando, mas agindo como um confirmador da probabilidade que é a questão de ele ter o aumento.

Mesmo quando o falante introduz certa carga de certeza, dentro de um contexto de futuridade, é sempre possibilidade, um desejo, uma modalidade:

- (2) *Eu sei que as encontrarei em alguma parte!* (Pato Donald, n° 2013, 1990, pág. 07, Donald para sobrinhos.)

Apesar de a proposição modalizadora indicar uma atitude de certeza sobre um fato, ela não passa de uma possibilidade, um desejo, pois está inserida em um contexto de futuro.

Modo e modalidade são, portanto, diferentes, apesar de muitos confundirem as duas nomenclaturas, utilizando uma pela outra. Enquanto *modo* faz parte de um paradigma comum e está associado ao sistema flexional do verbo, a *modalidade*, entre outras funções, liga-se ao próprio modo verbal. Segundo Lyons (1977) *modo* é uma categoria gramatical, encontrada em algumas línguas e não pode ser incorporada à modalidade. Já para Palmer (1986) *modalidade* é semântico e *modo*, gramatical, enquanto para Bybee *et al.*(1994) *modalidade* é um domínio conceptual e *modo*, uma expressão flexional.

As gramáticas tradicionais apresentam dois modos para o tempo verbal futuro: *indicativo* (indicador de certeza) e *subjuntivo* (indicador de possibilidade). Mas, sendo o futuro por si só uma possibilidade, como ele pode ter *modo indicativo*? Partindo desse princípio muitos autores não consideram o futuro um tempo verbal e sim um modo. Entre eles, como citado acima, Mattoso Câmara (1985), Fleischman (1982) que associa a categoria temporal do futuro ao *irrealis*, ou seja, a algo relacionado às possibilidades de realização, o mesmo que defende Givón (1984 e 1993), da mesma maneira Mateus *et al.*(1983) e Comrie (1985) relacionam futuro a modo, não a tempo. Bybee *et al.*(1994) e Poplack & Turpin (1999) também fazem parte desse grupo quando evidenciam que o futuro está associado a modo por expressar, não atitudes, mas intenções dos falantes.

Essa intenção pode ser observada em dados dos *corpus* aqui analisados. Parte-se do pressuposto de ser o *futuro sintético* a representação do tempo futuro a denotar maior comprometimento com o fato vindouro, inserindo, muitas vezes, nuances de promessa de conclusão, já

que o modo *indicativo* é aquele que indica certeza. Os exemplos abaixo, retirados dos dois *corpora*, os únicos com essas condições, apresentam a expressão *tenho certeza* + *futuro sintético no indicativo*, que é o que expressa certeza, segundo a gramática tradicional.

- (3) *Tenho certeza* de que esse fazendeiro *será* gentil e me *ajudará* quando souber que estou em dificuldades! (Pato Donald, nº 622, 1960, pág. 15, Donald para Huguinho, Zezinho e Luizinho.)
- (4) Se eu pegar no pé dele *tenho certeza* de que se *tornará* um novo pato! (Pato Donald, nº 2205, 2000, pág. 16, Margarida para Huguinho, Zezinho e Luizinho.)
- (5) Que pena, *tenho certeza* que nada *poderá* ser mais divertido essa noite. (*Carta par alguém bem perto*, Fernanda Yung, 1990, pág. 97, amigo para amiga.)
- (6) E vocês *mudarão* de idéia, *tenho certeza*. (*O sertão vai virar mar*, Moacir Scliar, 1960, pág. 81, uma senhora para pessoas estranhas.)

O fato futuro de cada uma das situações acima foi diferente do grau de certeza do emissor do discurso no momento da fala. No exemplo (03) o fazendeiro nem os deixou falar. Em (04) o personagem não mudou de comportamento, no (05) a personagem não saiu de casa e no (06) eles não mudaram de ideia. Apesar de a gramática tradicional trazer o futuro como tempo e apresentar o *futuro sintético* no indicativo como a representação de que o fato será realizado, isso não é verdade, o que reforça a tese de que o futuro é mais modo do que tempo verbal, pois não consegue representar um tempo e sim uma intenção, como se pode observar a partir das ocorrências acima.

Segundo Coroa (2205) o *aspecto* se confunde com vários outros conceitos e, muitas vezes, é utilizado *para todo morfema verbal que não se enquadre em uma descrição temporal* (op. cit. p. 61). A autora menciona ainda haver confusão entre noções de *aspecto* e *tempo*, por outro lado Travaglia (1994: 157) parte do princípio de que o tempo futuro não indica aspecto por marcar uma situação virtual, o que enfraquece as noções aspectuais ou as anula e ainda por este tempo ter um valor modal, restringindo a expressão do aspecto. Na pesquisa em questão os números de verbos aspectuais e modais na representação do tempo futuro foram insignificantes. Em outras palavras, exceto a perífrase *ir + infinitivo*, as demais tiveram pouca representatividade e, por hora, foram retiradas da análise, mesmo tendo como grupo de fatores o uso dos advérbios e locuções adverbiais, o que, segundo o autor, são recursos de expressão que oferecem noção aspectual.

4. A constituição dos corpus

Os resultados deste trabalho foram obtidos a partir de dois *corpus*. O primeiro, constituído por revistas em quadrinhos Pato Donald, em número de 127, editadas de 1950 a 2004, conforme Quadro 1, abaixo:

QUADRO 1: Número de revistas Pato Donald, por ano de publicação.

Ano de publicação	Periodicidade	N.º de exemplares
Década de 50	Mensal	21
1963	Semanal	23
1973	Quinzenal	21
1983	Quinzenal	20
1993	Quinzenal	22
2003/04	Quinzenal	20
Total consultado	-----	127

O segundo, *corpus 2*, construído a partir de 46 romances brasileiros, de 1752 a 2000, apresentados no Quadro 2:

QUADRO 2: Relação das 46 obras da literatura nacional que constituem o *corpus 2*.

Autor	Nascimento /Década representada	Título das Obras	Ano da 1ª publicação
1. Dorothea Engrassia Taveda Dalmira	1711 / 1730	As aventuras de Diófonos – imitando a Sapientíssimo Fenelon na sua Viagem de Telémaco	1752
2. Teixeira e Sousa	1812 / 1830	<i>O Filho do Pescador</i>	1843
3. Joaquim Manuel de Macedo	1820 / 1840	<i>A Moreninha</i> <i>A Baronesa do Amor</i>	1844 1879
4. José de Alencar	1829 / 1850	<i>O Guarani</i> <i>6. Senhora</i>	1857 1875
5. Machado de Assis	1839 / 1860	Ressurreição <i>Memorial de Aires</i>	1872 1908
6. Inglês de Sousa	1851 / 1870	<i>O Cacaulista</i> <i>O Missionário</i>	1876 1891
7. Aluísio de Azevedo	1857 / 1880	<i>Uma Lágrima de Mulher</i> O Livro de uma Sogra	1880 1895
8. Adolfo Ferreira Caminha	1867 / 1890	<i>A Normalista</i> <i>Tentação</i>	1893 1896
9. Lima Barreto	1881 / 1900	<i>Recordações do Escrivão Isaias</i> <i>Caminha</i> <i>Clara dos Anjos</i>	1909 1948
10. Oswald de Andrade	1890 / 1910	<i>Memórias Sentimentais de João Miramar</i> <i>A Revolução Melancólica</i>	1924 1943
11. Orígenes Lessa	1897 / 1920	<i>O Feijão e o Sonbo</i> <i>O Edifício Fantasma</i>	1938 1984

MESA-REDONDA “O FUTURO ATRAVÉS DOS TEMPOS”

Continuação do quadro 2

12. Érico Veríssimo	1905 / 1930	<i>Clarissa</i> <i>Incidente em Antares</i>	1933 1971
13. Raquel de Queiroz	1910 / 1930	<i>O Quinze</i> <i>Memorial de Maria Moura</i>	1930 1992
14. Fernando Sabino	1923 / 1940	<i>O Encontro Marcado</i> <i>Os Movimentos Simulados</i>	1956 2004
15. Ligia Fagundes Telles	1923 / 1940	<i>Ciranda de Pedra</i> <i>As Horas Nuas</i>	1955 1989
16. Carlos Heitor Cony	1926 / 1950	<i>O Ventre</i> <i>A Tarde da sua Ausência</i>	1953 2003
17. Hilda Hilst	1930 / 1950	<i>Flucco-floema</i> <i>Estar sendo Ter sido</i>	1970 1997
18. Moacir Scliar	1937 / 1960	<i>O Exército de um homem só</i> <i>O sertão vai virar mar</i>	1973 2002
19. Ana Maria Machado	1941 / 1960	Alice e Ulisses Palavra de honra	1983 2005
20. Domingos Pellegrini	1949 / 1970	Terra Vermelha Meninos no Poder	1998 2005
21. Ana Miranda	1952 / 1970	Boca do Inferno Dias e Dias	1989 2002
22. Marcos Bagno	1961 / 1980	A vingança do cobra O espelho dos nomes	1997 2002
23. Márcia Kupstas	1957 / 1980	Crescer é perigoso Gurka, retrato de um jovem assassino	1986 2002
24. Michel Laub	1973 / 1990	Música anterior	2001
25. Fernanda Young	1970 / 1990	Carta para alguém bem perto	1998

Iniciou-se a lista com *As Aventuras de Diófonos – imitando a Sapientíssimo Fenelon na sua Viagem a Telêmaco*, publicado em 1752 e *O Filho do Pescador*, de Teixeira e Sousa, publicado em 1843. A partir daí pegou-se um autor e duas de suas obras, por década. Esses foram relacionados partindo do pressuposto de Labov (1964), que afirma o indivíduo forma seu idioleto até os 25 anos, ou seja, é com esta idade que ele já se assenhorou completamente de sua língua materna. Desta forma, um indivíduo nascido em 1900, por exemplo, será linguisticamente adulto em torno de 1925, portanto, na década de 1920. A partir daí buscaram-se escritores não pelo reconhecimento que obtiveram no cenário nacional e / ou mundial, mas pelo ano de nascimento, o que dificultou sobremaneira a busca, pois ora não dava certo o gênero, ora a data de nascimento. Alguns escritores consagrados de nossa literatura não se encontram na relação por conta disto. Cecília Meireles ou Carlos Drummond de Andrade são exemplos. Muitos autores e obras foram pesquisados e deixados de lado por não apresentarem nenhum dado de futuro. Consequentemente, os que compõem esta lista não correspondem ao gosto pessoal da pesquisadora; eles representam um grupo heterogêneo a partir do qual se fará uma pesquisa variacionista diacrônica.

Exceto a primeira obra da lista, que foi escrita por uma mulher, a literatura brasileira vai levar quase um século, a partir de *A Moreninha*, para ter seu primeiro romance escrito por uma pessoa do sexo feminino. Foi Raquel de Queiroz, em 1930, com a publicação de *O Quinze*, que inaugurou a profissão de *escritora* no Brasil. Sendo assim, o *corpus* 2 apresenta romancistas (sexo masculino) representantes de cada década, até 1930; a partir daí, o *corpus* passa a apresentar dois autores por período, um de cada sexo, objetivando fazer um estudo à parte para ver se há diferenças em suas produções a partir da variável extralinguística *sexo*.

Excetuando os dois primeiros, que não escreveram outros romances além dos que aqui se apresentam e os dois últimos listados no *corpus* 2, cuja totalidade de obras é bastante recente, os demais serão analisados em um estudo de variação no indivíduo, ou seja, será feito também

um estudo destes autores para verificar se houve mudança individual no que se refere à representação do tempo futuro, analisando uma de suas primeiras obras, quando não a primeira, e uma das últimas, ou a derradeira, o que totaliza as 46 do quadro 2, acima.

5. O objeto da análise

A variável dependente desta tese divide-se em:

01. *futuro sintético*;

- (7) *Morrerá* um dia, entupido nela. (*O Ventre*, Carlos Heitor Cony, 1953, pág. 92, feminino adulto para masculino adulto.)

02. *presente do indicativo*;

- (8) *Trago* por estes dias, tenho me esquecido. (*Clara dos Anjos*, Lima Barreto, 1948, pág. 29, masculino adulto para feminino adulto.)

03. *ir + infinitivo*:

- (9) Já sei o que *vamos fazer!* (*O Edifício Fantasma*, 1984, Orígenes Lessa, pág. 67, marido para esposa.)

04. *haver (presente) + de + infinitivo*

- (10) Decerto; como *hei de combatê-lo?* (*O Guarani*, José de Alencar, 1857, pág. 58, adultos masculinos entre si.

6. Os resultados das análises das histórias em quadrinhos

Nesta análise em tempo real de curta duração foram considerados 3.754 e o que se percebeu é que *haver + de + infinitivo* não é mais produtiva como variante de representação do tempo futuro, pois apresentou apenas quatro ocorrências em todo o *corpus*. Possivelmente no mesmo caminho esteja o *presente do indicativo*, forma que apresentou baixo número de ocorrências, 92, motivo que o levou a ser retirado da análise. As rodadas que o incluíram possibilitaram vê-lo como uma variante da representação do tempo futuro que depende totalmente do contexto para expressar futuridade, tanto em futuro próximo como em distante, já que a marca de projeção é dada pelo contexto, responsável por essa informação, liberando o verbo de expressá-la.

Nesse sentido os dados confirmam Oliveira (2006) quando afirma que o *presente do indicativo* é um tempo verbal com marca morfológica zero: sozinho ele não tem a propriedade de expressar o tempo verbal futuro, mas o faz levado pelo contexto, ou seja, ele é o responsável pela representação da ação verbal, o tempo dela, propriamente dito, fica entendido, ou subentendido pelo contexto.

No cômputo geral foi possível observar que esse tempo verbal tende a representar um futuro próximo, podendo, como já dito, representar qualquer projeção, como se pode verificar nos exemplos hipotéticos abaixo:

- (11) *Amanhã leio* esse livro, depois que terminar esse trabalho que faço agora.
- (12) *No ano que vem leio* esse livro, depois que me formar na faculdade.
- (13) *Depois que me aposentar leio* esse livro, só assim posso aproveitar a leitura.

Dentro dos contextos que possibilitam ao *presente do indicativo* representar o futuro, os advérbios de tempo apresentam elevada tendência de ocorrência: .840. Esse tempo também apresenta alto peso relativo com sujeitos pronominais de primeira pessoa, quer do singular ou do plural: .609 e .451, respectivamente. No *corpus* 1 ele ocorreu majoritariamente com verbo monossilábico que, no caso, foi o verbo *ir*, com as mulheres e com as crianças.

As frases interrogativas favorecem largamente o *presente do indicativo*, o que corrobora Malvar (2003) que encontrou a mesma situação relacionada e esse tempo verbal. Devido ao número reduzido de dados esse tempo verbal foi retirado da análise probabilística.

Traçando uma espécie de *locus de ocorrência do presente do indicativo* o que foi possível observar possibilita apresentá-lo da seguinte maneira:

Futuro próximo; advérbio de tempo; sujeito pronominal de primeira pessoa; verbos monossílabos; frases interrogativas; mulheres; crianças.

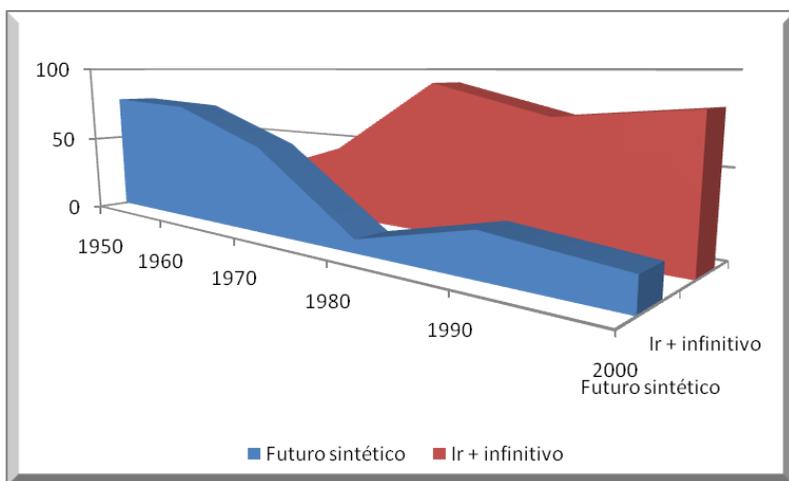
Também foi necessário não considerar, por hora, o total de *perífrases* da análise, pois a disparidade de números de ocorrências entre elas foi muito grande, o que acaba por mascarar os resultados. Houve 2.338 dados de perífrases, destas, 2.112 de *ir + infinitivo*. Sendo assim, decidiu-se por continuar com a análise apenas com duas das quatro variantes iniciais: o *futuro sintético* e *ir + infinitivo*.

6.1. O futuro sintético nas revistas Pato Donald

Nos textos mais antigos a representação do tempo futuro é feita preferencialmente pelo *futuro sintético*. À medida que o tempo vai passando esta forma dá espaço a *ir + infinitivo*, como constatou também Oliveira (2006). Nas revistas Pato Donald o *futuro sintético* apresentou peso relativo .78 em 1950 e fechou o período com .18, uma queda de

.60 pouco mais de meio século, o que demonstra que o grupo de fatores que analisou o ano de publicação é bastante relevante, como pode ser observado no gráfico 01, abaixo:

GRÁFICO 01: Área das variantes da representação do tempo futuro a partir do grupo de fatores *ano de publicação*, em pesos relativos.



Segundo Câmara Júnior (1985) os verbos monossílabos tendem a representar o futuro na forma sintética, sendo assim, nesta pesquisa, hipotetizou-se que os verbos de extensões fonológicas menos pesadas tenderiam a ocorrer com o *futuro sintético*, o que foi confirmado pelos dados. Em outras palavras podemos dizer que *i* tende a ocorrer com os verbos mais pesados fonologicamente. O exemplo abaixo evidencia bem essa situação. Nele temos um verbo monossílabo representando o tempo futuro pelo *futuro sintético* e um verbo trissílabo na mesma função a partir de *ir + infinitivo*:

- (14) *E vou controlar esse poder sozinho! Terei o monopólio!*



O tipo de frase com maior tendência a fazer a representação do tempo futuro com o *futuro sintético* são as negativas, o que poderia parecer estranho ao tom de promessa que ele parece inserir aos contextos, como em:

- (15) *E essa não me escapará, ou não me chamarei nunca mais o lobo feroz!* (Pato Donald, nº 1, 1950, pág. 26, Adulto para filho, criança.)

Essa situação corrobora Malvar (2003) e Sankoff & Wagner (2005 – apud Oliveira, 2006: 71).

Quanto aos sujeitos pronominais que acompanham os contextos de futuridade imaginou-se que essa forma verbal tenderia a ocorrer com sujeitos pronominais de primeiras pessoas, especialmente com pronome *nós elíptico*, o que foi confirmado pelos dados. Das 373 ocorrências dessa combinação, 350 estão com o pronome não preenchido. Esse fato corrobora a tese do paralelismo das formas: formas canônicas tendem a ocorrer com formas canônicas; inovadoras, com inovadoras.

O *futuro sintético* tende a ocorrer no ambiente de trabalho de superior para subordinado e no ambiente familiar, do mais velho (pessoa adulta de maior idade) para o mais novo e nas interações dialógicas envolvendo estranhos, o que legitima Alkmim (2001).

Um contexto que se revelou de resistência a essa forma verbal foi o das frases interrogativas. O que não é compatível com seu tom profético, pois não se faz promessa em questionamentos.

Segundo o *corpus* 1 o ambiente mais propício para que o *futuro sintético* represente o contexto de futuridade pode ser representado a partir da seguinte linha:

Textos mais antigos; tom de promessa; futuro distante; advérbios de dúvida e negação; verbos monossílabos; frases negativas; sujeito pronominal de primeira pessoa do plural canônica, elíptico; de mais velho para mais novo; de superior para subalterno.

6.2. Ir + infinitivo nas revistas Pato Donald

A variante *ir + infinitivo* mostrou-se em ascendência no *corpus*, conforme foi possível observar no gráfico acima, e com tendências altas de ocorrer com os pronomes pessoais inovadores *você e vocês*, com frases interrogativas, que é, justamente, o contexto inibidor da forma *futuro sintético*. Essa tendência de *ir + infinitivo* ocorrer mais com as segundas pessoas verbais consideradas inovadoras revela um paralelismo de formas inovadoras, como se elas se atraíssem mutuamente.

Segundo a gramática tradicional a perífrase *ir + infinitivo*, quando indicadora de tempo futuro, é empregada apenas para referir-se a um futuro próximo, o que foi confirmado no *corpus* 1, mas a tendência existente ainda é bastante pequena. Essa forma verbal, nessa análise, se apresenta como a variante que está assumindo a função de representação do tempo futuro. Traçando uma linha de ambiente propício ao uso de *ir + infinitivo* teríamos:

futuro próximo; verbos tri e polissílabos; frases interrogativas; advérbios de intensidade e negação; sujeito pronominal de segunda pessoa do plural inovadora, preenchido; entre iguais, ambiente doméstico ou profissional.

As décadas menos produtivas para essa forma verbal são exatamente as mais antigas: 1950, 1960 e 1970. O que demonstra que *ir + infinitivo* foi se fortalecendo a partir da década de 1980, o que também pode ser visualizado no gráfico 01, acima.

7. Resultados da análise dos romances brasileiros

A partir dos romances brasileiros, se observa que os advérbios de *modo, lugar, dúvida e afirmação* não se mostraram relevantes, bem como os pronomes *vós, a gente e vocês*, que não ocorreram em todas as obras, com apenas 24, 22 e 28 ocorrências, respectivamente, em todo o *corpus*.

No cômputo geral, em porcentagem, o *futuro sintético* e as *perífrases* estão em igualdade de produtividade neste *corpus*, enquanto o *presente do indicativo* e *haver + de + infinitivo* perfazem apenas 10 e 6%, respectivamente, do total dos dados, conforme tabela abaixo:

TABELA 1: Formas de futuro do *corpus* 2 – romances brasileiros

Formas de futuro	Ocorrências	%
Futuro sintético	1045	42
Presente do indicativo	255	10
Perífrases	1068	42
Haver + de	162	6
Totais	2.530	100

A variante *haber + de + infinitivo* apresentou 66% de suas ocorrências no século XIX e 34% no século XX, representando uma grande queda no uso dessa forma de representação do tempo futuro, que ficou restrita a contextos onde se pretende inserir, ao conteúdo da fala, um tom próximo ao de uma profecia, mais comprometedor do que simplesmente uma promessa. O *presente do indicativo*, por sua vez, apresenta 23% de suas 255 ocorrências no século XIX e 77% no XX, o que demonstra o oposto. Mas, mesmo assim, neste *corpus*, ainda em número reduzido, o que impossibilitou sua análise com as demais formas. Devido a esse reduzido número de ocorrências essas duas variantes acabaram por gerar desvios nos resultados, além de serem as responsáveis diretas por muitos dos nocautes apresentados nas rodadas iniciais, o que fez com que ambas também fossem retiradas da análise probabilística.

Além da retirada dessas duas formas acima a variante *perífrases*, a exemplo do *corpus* anterior, sofreu um refinamento resultando na variante *ir + infinitivo*, que apresentou 950 ocorrências em um universo de 1045 dados. O *corpus* 2, constituído dos romances brasileiros, portanto, também se faz representar por uma combinação binária: *futuro sintético* e *ir + infinitivo*. Ambas, inclusive, apresentaram o mesmo percentual de ocorrências no *corpus*, mas pesos relativos distintos.

7.1.O futuro sintético nos romances analisados

O *futuro sintético* também aqui mantém a conotação de maior compromisso com relação ao contexto de futuridade. Quando se quer encerrar qualquer possibilidade de dúvida, dentro das possibilidades do fato futuro, a tendência é de representá-lo a partir do *futuro sintético*. Seu peso relativo na obra representativa da década de 1840, *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, é de .74 e .16 na de 1990, *Carta para Alguém bem perto*, de Fernanda Yung, o que representa uma queda bastante significativa de uso.

O comportamento do *futuro sintético* nos grupos de fatores da análise permite verificar que ele tende a incidir quando o tempo futuro se localiza em projeção distante e acontece mais onde a intenção é a de atribuir um tom de promessa ao fato futuro, como é possível observar abaixo:

- (16) Há tempo para tudo, disse Félix, e o senhor ainda está moço. *Iremos juntos daqui a um ano.* (*Resurreição*, Machado de Assis, 1860, pág. 25, mais velho para mais novo.)
- (17) Se ainda não fez, *um dia fará* ou vai fazer ou fazerá. (*O Espelho dos Nomes*, Marcos Bagno, 1980)

Esse tempo verbal ocorre ainda, preferencialmente, com o pronome de segunda pessoa do singular: *tu*. Ou seja, a forma canônica de representar o futuro ocorre mais com o pronome canônico, pois a segunda pessoa *tu* é a forma que a gramática tradicional apresenta na segunda pessoa do singular:

- (18) E *tu*, Augusto, *quererás* porventura requestar minha irmã?... (*A Moreninha*, 1840, Joaquim Manuel de Macedo, pág. 4, conversa entre amigos.)
- (19) Querendo servir-me, *acabarás* desservindo-me, porque se acontecer que eu me vá desta vida, sem tempo de te reduzir a cinzas, os que me lerem depois da missa de sétimo dia, ou antes, ou ainda antes do enterro, podem cuidar que te confio cuidados de amor. (*Memorial de Aires*, 1860, Machado de Assis, pág. 19, adulto masculino para igual.)

Os dados apontam ainda que homens adultos fazem mais uso dessa forma verbal do que as crianças:

- (20) É sexta-feira, na segunda você *chegará* à escola e *será* a mesma coisa de novo: Jaime é que *terá* novidades para contar. Ele é que *fará* o relato da festa. (*Música Anterior*, 1990, Michel Laub, pág. 51, adulto para mais novo.)

Outro terreno fértil para a representação do tempo futuro pela forma *sintética* é o advérbio *o* de *afirmação*, seguido pelo de *tempo*, bem como a presença de verbos monossilábicos, que são verbos menos pesados fonologicamente e, por isso, não se sobrecarregam com a flexão do *futuro sintético*:

- (21) Eu *o darei* com o maior prazer. (*Senhora*, José de Alencar, 1850)

A utilização do *futuro sintético*, que acontece prioritariamente com verbos menos pesados fonologicamente, ocorre com verbos polissilábicos para acrescentar ao contexto um tom profético, de promessa velada, como na sequência abaixo, onde a personagem repete a estrutura mudando a forma de representação do tempo futuro. Na primeira vez faz uso da *perífrase* e, para atribuir à fala um tom mais promissor, lança mão do *futuro sintético*:

- (22) Alguma coisa estranha *vai acontecer*. (*Fluxo – Floema*, Hilda Hilst, 1950, pág.99, conversa entre adultos.)

- (23) Alguma coisa *acontecerá* aos humanos. (*Fluxo – Floema*, Hilda Hilst, pág. 107, 1950, conversa entre adultos.)

A intenção do personagem nessa segunda ocorrência é de proferir uma frase mais forte do que a proferida anteriormente. Para que a intenção fosse externada e entendida a mesma frase foi proferida fazendo uso do *futuro sintético* onde antes havia sido usada *ir + infinitivo*.

Nas interações consideradas menos informais, mesmo em ambiente doméstico, como em interações dialógicas envolvendo pessoas mais velhas ou estranhas, o *futuro sintético* tende a ser mais utilizado. O *corpus 2* também demonstrou que essa é a variante mais utilizada, nesse ambiente, em situações de monólogos.

Muito utilizado nos romances da fase inicial da análise, ele apresenta queda vertiginosa até o final, deixando espaço livre para *ir + infinitivo*. Separadamente os pesos relativos do *futuro sintético* e de *ir + infinitivo* nas primeiras e nas últimas obras de cada autor que compõe a análise nos proporcionam gráficos como os dois abaixo:

GRÁFICO 02: Pesos relativos das obras masculinas do *corpus 2*, por décadas.

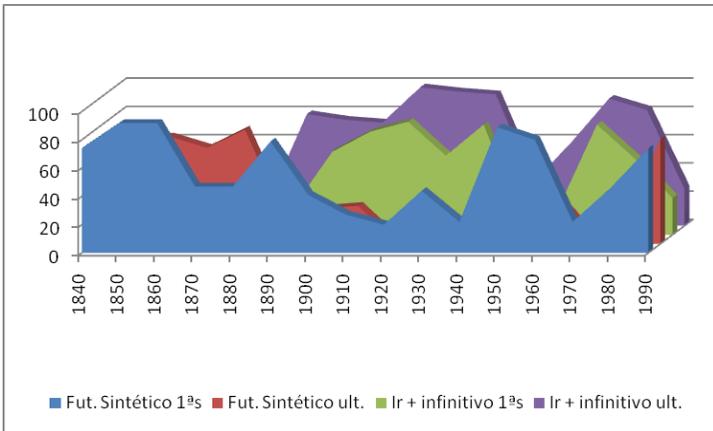
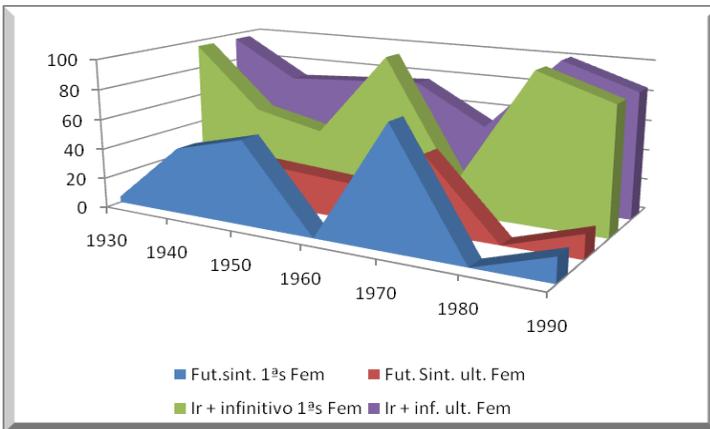


GRÁFICO 03: Pesos relativos das obras femininas do *corpus 2*, por décadas.



Traçando uma linha de utilização, a partir das ocorrências desses *corpus* obtém-se, para o *futuro sintético*:

textos mais antigos; relacionado a promessas; projeção distante; pronomes pessoais canônicos: tu e nós; advérbio de afirmação; verbos monossilábicos; adultos; em interações envolvendo pessoas mais velhas, com estranhos e em monólogos.

7.2. Ir + infinitivo nos romances analisados

A forma verbal de maior produtividade em pesos relativos no *corpus 2*, *ir + infinitivo*, é atraída pelos advérbios *interrogativos*. Bem como apresenta tendências de uso com quase todas as extensões fonológicas do verbo principal, excetuando apenas os monossilábicos. Salientando que o monossílabo de maior produtividade da amostra é justamente o verbo *ir*. Esse, portanto, se apresenta como o contexto que mais inibe *ir + infinitivo*, pois a construção onde o mesmo verbo ocupa a posição de auxiliar e de principal, resultando em *vou ir*, ainda é muito estigmatizada socialmente. Banida por muitos profissionais da área da língua portuguesa com a explicação de que não é correto fazer o uso do mesmo verbo duas vezes, um ao lado do outro, como se não utilizassem, entre outras, as perífrases *tenho tido* ou ainda a mesma construção perifrástica com o verbo *ir* sendo auxiliar dele mesmo como em *vou indo*, mais antigo na língua e, conseqüentemente, possivelmente menos agressivo auditivamente.

Essa forma verbal é utilizada pelos indivíduos mais jovens para interagir com mais velhos, no ambiente doméstico. No cômputo geral, nesse *corpus*, essa forma verbal está presente desde o primeiro período de análise, apresentando crescimento em todo o *corpus*, em especial no século XX. Apesar de apresentar leve queda na produtividade no final da amostra, não perde a alta tendência de passar a marcar esse tempo verbal com prioridade, principalmente a partir da seguinte linha:

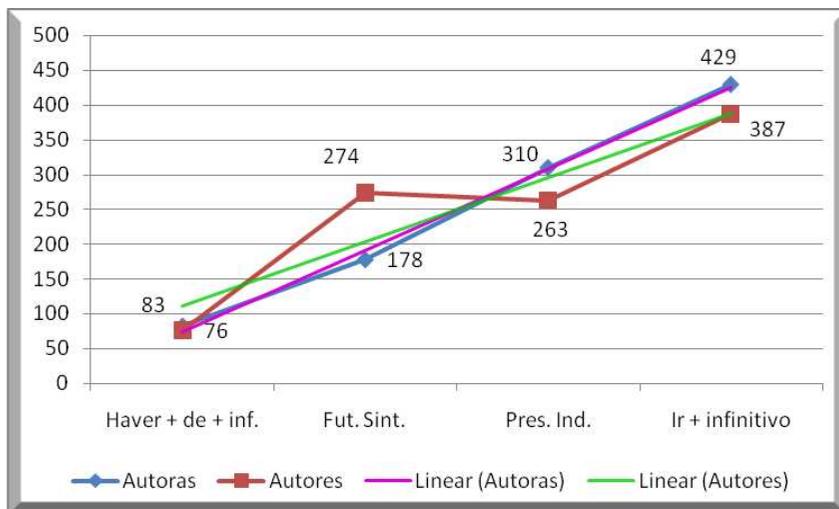
textos mais recentes; projeção próxima; advérbios interrogativos; pronomes pessoais eu, você e vocês; interações entre iguais no ambiente doméstico; crianças.

7.3. Conclusões das análises nas variações dos indivíduos, a partir de 1930

O *corpus 2* possibilitou fazer uma comparação entre autores e autoras de romances brasileiros, do Modernismo para cá. Para este estudo foram utilizadas as quatro variantes iniciais e a tabulação dos pesos relativos dos autores foi feita a partir do grupo de fatores *sexo*. Colocados os resultados em gráfico o que se vê são dois traçados muito semelhantes, um quase sobreposto ao outro, diferenciando-se no uso do *futuro sintético*, nos autores. Este traçado praticamente paralelo mostra que a variante *sexo do autor do texto*, tal como a variante *sexo do informante*, não apresenta grande relevância, haja vista que as evoluções de uso das variáveis se dão praticamente da mesma forma nos dois grupos. Fato que revela não serem, esses grupos de fatores, determinantes para a mudança: O estudo de variação a partir do *sexo* revelou que as mulheres tendem levemente a fazer mais uso de contextos de futuridade do que os homens. Para três das quatro formas verbais (*haber + de + infinitivo*, *presente do indicativo* e *ir + infinitivo*) os pesos relativos foram mais altos com elas do que com eles. Ao traçar uma linha de tendência sobre os pesos relativos observam-se duas linhas levemente afastadas, que se aproximam a partir do uso do *futuro sintético* em direção ao *presente do indicativo* e voltam a se distanciar na direção de *ir + infinitivo*. Forma que se revela inovadora, a que mais tendência apresenta de continuar marcando a representação de tempo futuro nesse *corpus*. As linhas de tendência, inclusive, possibilitam visualizar que o *futuro sintético*, em ambos os casos, tem suas tendências diminuídas enquanto o *presente do indicativo* as apresenta em ascensão, em direção a variante com maiores tendências de representação do tempo futuro: *ir + infinitivo*. As linhas permitem ver que a mudança de aplicação da regra de representação do tempo futuro que era majoritariamente

representada pelo *futuro sintético* passa pelo *presente do indicativo* e hoje se apresenta majoritariamente por *ir + infinitivo*.

GRÁFICO 04: Evolução das formas verbais, em pesos relativos, nos escritores e escritoras da amostra (média dos pesos relativos).



Considerações finais

Era objetivo desta análise verificar a frequência do emprego dos verbos modalizadores e aspectuais nas construções perifrásticas com contextos de futuridade; porém, o que o estudo mostrou, a partir dos *corpus* aqui definidos e explorados, foi uma baixa frequência de dados. Na Revista Pato Donald, só 202 ocorrências, em um universo de 4.082 e, nos romances brasileiros, apenas 95 em 2.530 ocorrências, o que perfaz, em ambos os *corpus* 5% do total, número pouco representativo e pouco oportunizador de análises sobre o comportamento dessas perífrases, neste estudo.

Nesta análise, foi possível visualizar uma grande concorrência entre as formas de representar o futuro, mas o que se tem, realmente, é um quadro quase definido de produtividade na marcação desse tempo verbal pela perífrase *ir + infinitivo*.

A partir dos objetivos traçados para esta análise concluiu-se que as quatro formas verbais aqui analisadas apresentam comportamentos bastante distintos entre si: cada uma agindo em uma determinada situação, em um determinado contexto. Mas, na comparação entre os 6.616 dados encontrados, pode-se perceber uma similaridade nos resultados, apesar da heterogeneidade da origem das ocorrências, já que os dois *corpus* têm origens, criações e públicos bastante distintos, bem como aceitabilidades diferenciadas da parte do leitor.

Os dois *corpus* apresentaram poucos dados da variante *haver + de + infinitivo* e também do *presente do indicativo*; o que, em ambas as situações, obrigou que se continuasse a análise com apenas duas das quatro variantes da variável dependente com que se iniciou esse estudo. O que se percebe, então, é que, não obstante o *corpus*, há marcas de um processo de mudança em curso, em *corpus* constituídos de língua escrita, ou seja, a variação que, nesse caso, caminha para uma mudança, não depende do *corpus*, ela é **da** língua.

Pontes (1973), quando finaliza a análise da estrutura do verbo do português coloquial, decide nominar de *forma marginal* ao *futuro do presente* (aqui tratado sempre como *futuro sintético*), o que ela justifica porque, em seu *corpus* de análise, essa forma teve aparição rara. A partir daí a autora afirma que o *futuro sintético* é **uma** das formas da língua literária que ocorrem esporadicamente na língua coloquial. O que esta tese mostra é que o *futuro sintético* é, realmente, apenas isso: uma das formas de representação do tempo futuro na língua literária, mas não aquela com maior tendência de uso.

Percebe-se, então, que o *futuro sintético* vem sendo destronado da posição de representar o tempo ainda não acontecido — de representar o inexistente, o desejado, o possível — posição essa que está sendo tomada pelas formas *presente do indicativo* e *ir + infinitivo*, o que varia dependendo do *corpus* de análise.

Quanto às *perífrases* os *corpus* mostraram que *ir + infinitivo* está em processo final de gramaticalização, se levarmos em conta somente os textos escritos, uma vez que a construção *vou i(r)*, ocorre de maneira profusa na fala, notadamente na fala de crianças e adolescentes, e já é frequente na de adultos, conforme se constata no dia a dia (no oral, a gramaticalização já se consolidou completamente, regularizando o paradigma).

Se a forma ainda encontra resistência nos textos escritos, mesmo nos considerados ‘infantis’, o caso das histórias em quadrinhos aqui analisadas, é porque essa linguagem, que se quer representante da língua oral, não o é realmente, obedecendo aos cânones da gramática tradicional, que ainda não concebe a realização do futuro por perífrases.

Pode-se, portanto, afirmar que aqui há uma mudança em curso, pois a partir dos pressupostos da teoria da Mudança Linguística, vistos acima, temos a representação do tempo futuro sendo representada por quatro variantes, que apresenta características de uma diferenciação ordenada, está ocorrendo e sendo transmitida de modo geral na ‘comunidade de fala’ e sua explicação está intimamente ligada a fatores linguísticos e extralinguísticos.

Nos dois *corpus* o *futuro sintético* se mostrou como uma variante condicionada, principalmente, pelo mesmo elemento: textos antigos, ou seja, quanto mais antigo o texto maior a chance de a representação do tempo futuro se fazer pelo *futuro sintético*. O oposto é verdadeiro para *ir + infinitivo*: quanto mais recente o texto, maior a chance de o tempo futuro ser representado só por essa variante.

O *futuro sintético* também está relacionado às situações de promessas e a uma projeção do fato mais distanciado temporalmente. Vale destacar ainda que os verbos monossilábicos são os que favorecem grandemente a representação do tempo futuro a partir dessa variante, bem como a primeira pessoa do plural canônica: *nós*. Algo que também se pode notar é que nas interações que registram o *futuro sintético* há, via de regra, um adulto envolvido, o que evidencia ser a idade um fator relevante.

Por sua vez *ir + infinitivo*, como já apontado, tende a ocorrer em textos mais recentes, onde a situação de futuridade se dê em projeção mais próxima, com verbos, di-, tri- e polissilábicos. Os pronomes que favorecem sua ocorrência são *você* e *vocês*, nas interações entre iguais, em ambos os *corpus*.

Ao observar as ocorrências de representação do tempo futuro nos autores, principalmente os do sexo masculino e do século XIX, vemos que as gramáticas tradicionais não mentem quando citam exemplos retirados dessas obras para elucidar situações de uso do *futuro sintético* para representar o tempo vindouro. O fato que elas omitem é o de que esses autores usam igualmente *ir + infinitivo* para representar esse mesmo tempo. Os gramáticos simplesmente ignoram (em todos os sentidos) a existência dessa variante, mesmo constando nos seus textos e nas obras de autores usualmente utilizados nos exemplos das teorias por eles apresentadas.

O *corpus* 2 mostra que ainda antes do Modernismo, Lima Barreto já utilizava mais *ir + infinitivo* do que o *futuro sintético*. Depois, em Oswald de Andrade, essa variante foi ganhando espaço. O que a análise dos resultados dos autores mostra é que a trajetória da representação do tempo futuro não se dá diretamente do *futuro sintético* para *ir + infinitivo*. Ela passa pelo *presente do indicativo*, que esteve e está funcionando como uma ponte no processo de mudança entre as variantes de representação do tempo futuro. Se antes a forma majoritária era o *futuro sintético* e hoje é *ir + infinitivo* ela já foi mediada pelo *presente do indicativo*.

Por outro lado, o estudo da mudança no indivíduo proporcionou observar que a tendência diacrônica natural dessas quatro formas é a mesma nos dois *corpus*: *haver + de + infinitivo* como um resquício de uso, concorrendo com o *futuro sintético* e quase se extinguindo por conta da ascensão desse que, por sua vez, vai dividindo o campo com o *presente do indicativo* que, por sua vez, abre caminho para a perífrase *ir + infinitivo*, que o supera em muitos contextos. Tal trajetória é visível tanto nas obras dos autores como nas autoras e, nessas, tendendo mais ao uso da perífrase

do que da forma canônica, o que as coloca na posição de inovadoras, deixando o perfil mais conservador, nesse caso, para os homens.

Fechando esta pesquisa, mas não as possibilidades de estudos da variável dependente aqui analisada, é imprescindível observar que, independente da obra, a mudança na representação do tempo futuro está encaixada na estrutura linguística, mas que apresenta, ainda, um contexto de resistência, validado pelo processo que Weinreich, Labov e Herzog (2006) chamam de *avaliação*, ou seja, a sociedade detecta variações que são avaliadas como negativas e essas passam a ser estigmatizadas. No caso da variável em questão, em se tratando de **língua escrita**, o estigma está na forma *vou ir*, sem nenhuma ocorrência entre os 6.616 dados analisados nos dois *corpus* desse estudo. É interessante salientar que não houve nenhum caso de *vou ir* mesmo nas histórias em quadrinhos, que parte da sociedade ainda tende a classificar como leitura não recomendável.

Referências

ALKMIM, Tânia Maria. **Sociolinguística**, in MUSSALIN, F. & BYBEE, Joan, PERKINS, Revere & PAGLIUCA, William. **The evolution of grammar** – Tense, aspect and modality in the languages of the world. Chicago and London The University of Chicago Press, 1994.

CÂMARA Jr. Joaquim. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro. Padrão, 1985.

COMRIE, Bernard. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

COROA, Maria Luíza M. S. **O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica**. Brasília: Thesaurus, 1985.

FLEISCHMAN, Suzane. **The future in thought and language – Diachronic evidence from Romance.** Cambridge. Cambridge University Press, 1982.

GIVÓN, T. **Syntax – A functional – Typological Introduction.** Vol II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth. **Grammaticalization.** Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KOCH, Ingedore V. A. **A questão das modalidades numa nova gramática da língua portuguesa.** Estudos Linguísticos. v. 13. p. 227-236, 1986.

LABOV, William. **Principles of linguistic change – internal factors.** Cambridge: Blackwell, 1994.

MALVAR, Elisabete. **O presente do futuro no português oral do Brasil. Tese de Doutorado.** Ottawa: University of Ottawa, 2003.

_____ & POPLACK, Shana. **O presente e o passado oral do Brasil.** In. VOTRE, Sebastião e RONCARATI, Cláudia (org.), **Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica.** Rio de Janeiro. 7 Letras, 2006.

MATEUS, Maria H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa.** Lisboa. Caminho, 1989.

MENON, Odete P.S., LAMBACH, Jane B., LANDARIN, Noeli R.S.N. **Alternâncias nós e a gente nos quadrinhos,** análise em tempo real in RONCARATI, Cláudia, & ABRAÇADO, Jussara (orgs.) **Português Brasileiro, contatos linguísticos, heterogeneidade e história.** Rio de Janeiro, 7 Letras 2003b.

OLIVEIRA, Josane M. **O futuro na língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança.** Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

PONTES, Eunice. **Estrutura do verbo no português coloquial.** Petrópolis. Vozes, 1972.

_____. **Verbos auxiliares em português.** Petrópolis. Vozes, 1973.

POPLACK, Shana . & TURPIN, D. **Does the future have a future in (Canadian) french?** Probus 11, 1999.

SILVA. Rita do Carmo Polli da. **A representação do tempo futuro em textos escritos: Uma análise diacrônica.** Tese de Doutorado. Setor de Ciências Humanas Letras e Artes. UFPR, 2010.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.